

mento da doença de Kawasaki recomendam que para a dilatação aneurismática de coronárias (Z score 2.5-10) deve-se usar aspirina em baixas doses (3-5 mg/kg/dia) e se Z score >10, associar anticoagulação terapêutica. Pela rápida progressão da dilatação da artéria coronária direita e associação com uma doença ainda não totalmente conhecida, optou-se por anticoagulação terapêutica associada a aspirina com resultados satisfatórios. **Conclusão:** Embora a maioria das crianças apresentem quadro clínico brando de infecção pelo SARS-CoV-2, a SIM-P pode ocorrer após casos leves ou assintomáticos, sendo importante identificar sinais e sintomas de hiperinflamação para diagnóstico e tratamento precoces. Apesar de ainda não termos consenso sobre anticoagulação profilática nos pacientes pediátricos com COVID-19, a avaliação de risco trombótico nas crianças hospitalizadas deve ser rotineira para possível introdução de profilaxia anticoagulante.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.943>

942

TELEMEDICINA - O “NOVO NORMAL” DO ATENDIMENTO AOS PACIENTES E COLABORADORES DE CENTRO ONCOHEMATOLÓGICO, EM TEMPOS DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA

L.G.D. Medeiros^a, H.H.F. Ferreira^a, G.B.C. Júnior^b

^a Universidade Potiguar, Natal, RN, Brasil

^b Hemocentro Dalton Cunha (Hemonorte), Natal, RN, Brasil

Objetivos: Abordar a implementação de serviço de teleatendimento, voltado para corpo clínico e pacientes, como medida de assistência aos usuários e mitigação da transmissão de COVID-19, em centro de oncohematologia. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa na modalidade de relato de experiência. Foi gestado, em março/2020, o Protocolo de Telemedicina, da Liga Norteriograndense contra o Câncer (LNRCC), direcionado ao paciente oncológico com suspeita de infecção pelo COVID-19, que posteriormente deu origem à recomendação que abarcava o atendimento a distância dos colaboradores da instituição. Desse modo, inicialmente, houve a criação do TeleTriagem – sistema composto de enfermeiros responsáveis por receber ligações e/ou videochamadas e estratificar o paciente em um determinado grupo de risco – de acordo com o preenchimento de critérios de gravidade. Após esse primeiro momento, ocorreria a expedição de conduta clínica por médico assistente do setor ou médico do trabalho, baseada na triagem prévia. Nesses casos, poderia haver a escolha por internação ou a sensibilização sobre a necessidade de isolamento social, sendo estas incumbências do médico. Eventuais receitas médicas, acompanhamento da evolução do paciente a distância ou futuros encaminhamentos, seriam responsabilidade do núcleo de saúde ocupacional (NSO) para os colaboradores; e do núcleo de assistência ao paciente (NAP), no caso dos enfermos. **Resultados e discussão:** A telemedicina se mostrou uma solução logística para assistência médica a distância, tanto

difundindo orientações, como garantindo uma maior acessibilidade do paciente ao serviço de saúde. Com a política do distanciamento social, houve a necessidade de aperfeiçoar o teleatendimento, até pouco tempo menosprezado por parcela da classe médica. Em relação aos pacientes, esse estreitamento do cuidado – pela web – facilitou a resolução de demandas de seu tratamento, especialmente atuando na monitorização de queixas quimioterápicas, e incentivando a internação hospitalar apenas para os pacientes com necessidades realmente incompatíveis com tratamento ambulatorial. No caso dos colaboradores, essa estratégia permitiu uma melhor organização das escalas, conforme a necessidade de afastamento, e também a possibilidade de contactar os funcionários rotineiramente (seja para verificação da evolução diária de seu quadro como também para planejamento de “home Office”, para aqueles com fatores de risco). E o mais importante, facilitou a detecção precoce de possíveis casos sintomáticos dentro do corpo clínico, dificultando, assim, a cadeia de transmissão. **Conclusão:** Estratégias que facilitem o contato médico-paciente na modalidade remota, especialmente num cenário pandêmico, emergem como medidas importantes para garantir a perpetuação do cuidado ao paciente oncológico. Atrair isso a uma plataforma institucional que também disponha de atendimento à distância para colaboradores, pode permitir uma tomada de decisão precoce e com menores repercussões negativas em transmissibilidade local.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.944>

943

TERAPIA COM CÉLULAS-TRONCO EM PACIENTES COM COVID-19: REVISÃO SISTEMÁTICA

B.M.S. Gomes^a, A.B.P. Silva^a, L.F.M. Moraes^a, W.M. Pimenta^a, J.A.B. Leão-Cordeiro^b, Y.J.F. Freitas^c, P.P. Katopodis^a, M.O. Andrade^a, M.S. Castro^a, A.M.T.C. Silva^a

^a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

^b Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

^c Unievangélica, Goiânia, GO, Brasil

Objetivos: As células-tronco mesenquimais são conhecidas, sobretudo, por sua capacidade de regeneração e reparo de diversos tipos celulares. No entanto, diante da pandemia do novo coronavírus, outra função pode de ser pesquisada, a de atividade imunossupressora dessas células, como potencial tratamento de pacientes em condições graves da COVID-19. Neste contexto, o presente estudo pretende avaliar o potencial terapêutico das células-tronco mesenquimais em pacientes com COVID-19. **Métodos:** Trata-se de revisão sistemática da literatura. Os artigos científicos foram selecionados na base de dados PubMed, com a utilização dos seguintes descritores: “umbilical cordmesenchymalstemcells”, “treatment” e “COVID-19 patients”, e dos filtros: free full text, full text, humans e english. **Resultados:** Diante da infecção pelo novo coronavírus, o sistema inflamatório é estimu-

